

Maria Morevna¹

Conto popular de autor desconhecido

*Tradução de Tanira Castro*²

Num certo reino, num certo império, vivia um rei e uma rainha que tinham um filho - o príncipe Ivan, e três filhas - a princesa Maria - a princesa Olga e a princesa Anna.

Os reis, quando sentiram a morte próxima, pediram ao filho Ivan que casasse rapidamente as três irmãs: que as casasse com quem primeiro pedisse a mão de cada uma delas. Os reis morreram. O príncipe Ivan acompanhou-os até à sepultura e depois, com o coração a sangrar de dor, foi passear um pouco pelo jardim, com as irmãs.

De repente uma nuvem escura toldou o céu: aproximava-se uma terrível tempestade!

— Vamos para casa, irmãs! — disse o príncipe Ivan.

Mal tinham entrado no palácio, quando estalou um enorme trovão. O teto abriu-se ao meio, e um falcão voou pelo salão adentro. Bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Bom dia, príncipe Ivan — disse o jovem. — Vim muitas vezes a tua casa como convidado, mas hoje venho como pretendente. Porque pretendo pedir a mão da princesa Maria.

— Se minha irmã assim o quiser, não serei eu a dizer que não: ela pode casar-se contigo, e que Deus abençoe essa união — disse o príncipe Ivan.

Como a princesa Maria concordou, o falcão casou-se com ela e levou-a para o seu reino.

E os dias seguiram-se aos dias, as horas seguiram-se às horas e um ano inteiro assim se passou.

Andava um dia o príncipe Ivan a passear no jardim com as suas duas irmãs, quando de novo uma nuvem negra escureceu o céu; viu-se um relâmpago e um vento terrível começou a soprar.

— Vamos embora, irmãs! — disse o príncipe Ivan.

¹ Tradução adaptada do original russo *Maria Morevna*, de autor desconhecido. Texto extraído do livro — *Contos Populares Russos*, Moscou, Ed. Pravda, 1985, págs. 236 — 247.

² Tanira Castro — professor adjunto, chefe do Setor de Russo, Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Mal tinham entrado no palácio, quando rebentou um enorme trovão. O teto abriu-se ao meio, e uma águia voou pelo salão adentro. Bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Bom dia, príncipe Ivan — disse o jovem. — Vim muitas vezes a tua casa como convidado, mas hoje venho como pretendente.

E pediu a mão da princesa Olga.

— Se a princesa Olga assim o quiser, podes levá-la como tua mulher — disse o príncipe Ivan. — Ela é livre de fazer como entender.

Como a princesa Olga concordou, a águia casou-se com ela e levou-a para o seu reino. Outro ano se passou, e um dia o príncipe Ivan disse à sua irmã mais nova:

— Vem comigo, irmãzinha! Vamos dar uma volta pelo jardim!

Deram um passeio pelo jardim e de novo uma nuvem negra cobriu o céu, um relâmpago soou, e o vento começou a soprar.

— Vamos para casa, irmã! — disse o príncipe Ivan.

Chegaram a casa e, antes de terem tido tempo de se sentarem, rebentou um trovão, o teto abriu-se ao meio, e um corvo voou pelo salão adentro. Bateu no chão e transformou-se num jovem ainda mais belo do que os outros dois anteriores.

— Vim muitas vezes a tua casa como convidado, mas hoje venho como pretendente — disse ele. — Deixa-me casar com a princesa Anna!

A minha irmã é livre de fazer o que entender — disse o príncipe Ivan. — Se ela gostar de ti, pode casar contigo.

Como a princesa Anna concordou, o corvo casou com ela e levou-a para o seu reino. E o príncipe Ivan ficou só. E durante um ano viveu sozinho, cheio de saudades das irmãs.

— Vou procurar minhas irmãs... — disse ele certa vez.

Pôs-se então a caminho. Andou, andou até que chegou a um campo onde se deparou com um exército de soldados completamente destruído por alguma terrível batalha.

— Se houver aqui alguém vivo, que me responda! — gritou o príncipe. — Quero saber quem é que conseguiu vencer este exército inteiro. E o único homem vivo disse:

— Este exército inteiro foi vencido por Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas.

O príncipe Ivan continuou o seu caminho. Chegou então junto de um acampamento de tendas muito brancas e aí encontrou Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas, que veio ao seu encontro:

— Bom dia, príncipe! — disse ela. — Diz-me para onde vais e se vais por tua livre vontade ou porque alguém te mandou.

O príncipe Ivan respondeu:

— Os homens fortes de espírito só agem por sua livre vontade!

— Então, se não tens muita pressa, aceita a minha hospitalidade e descansa um pouco na minha tenda. O príncipe Ivan aceitou com prazer o convite. E durante dois dias e duas noites foi hóspede de Maria Morevna. E tanto gostaram um do outro

que ali se tornaram marido e mulher. E Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas, levou o príncipe Ivan para o seu reino. Viveram juntos durante algum tempo até que chegou um dia em que Maria Morevna decidiu de novo partir, para a guerra. Deixou o palácio e tudo o que nele havia aos cuidados do príncipe Ivan e, apontando para uma porta fechada a cadeado, disse-lhe:

— Podes andar por toda parte, entrar em todas as salas do palácio e cuidar de tudo. Mas só te peço que não entres neste quarto!...

Mas a curiosidade do príncipe Ivan foi mais forte que ele e, mal Maria Morevna saiu, correu logo a abrir a porta proibida. Olhou para dentro do quarto e descobriu o Cafrei Imortal — o bruxo, amarrado à parede por doze fortes correntes. O Cafrei Imortal, vendo o príncipe Ivan, pediu-lhe:

— Dá-me água, príncipe Ivan! Tem dó de mim! Há dez anos que aqui estou preso e grande tem sido o meu sofrimento. Não tenho tido nada para comer nem para beber durante todo esse tempo, e a minha garganta está seca e queimada.

O príncipe Ivan deu-lhe um balde de água para beber. O Cafrei bebeu tudo e pediu mais:

— Um balde só não chega, dá-me outro!

O príncipe Ivan deu-lhe um segundo balde. O Cafrei bebeu-o de uma só vez e pediu um terceiro. Quando acabou de o beber, voltaram-lhe as forças e, abanando os braços com raiva, quebrou as doze correntes.

— Obrigado, príncipe Ivan — disse ele. — E aqui te juro: não voltarás a ver Maria Morevna! Tão certo como não seres capaz de olhar de frente para as tuas orelhas. Voou pela janela como um turbilhão, encontrou no caminho Maria Morevna, a mais bela de todas as rainhas, e levou-a consigo.

O príncipe Ivan chorou durante muito tempo. E depois decidiu partir em busca de Maria Morevna.

— Aconteça o que acontecer, hei de encontrá-la! — disse o príncipe Ivan.

Passou-se um dia e mais outro dia e, ao amanhecer do terceiro dia, o príncipe Ivan viu um belo palácio à sua frente. Junto do palácio havia um carvalho e num dos seus ramos estava um falcão. O falcão levantou vôo, bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Meu querido cunhado, como estou contente de te ver! — exclamou ele. — Como tens passado?

Nessa altura a princesa Maria saiu a correr do palácio. Abraçou o irmão, cheia de alegria, perguntou pela sua saúde, contou-lhe como vivia ali e em que passava o tempo.

O príncipe Ivan ficou três dias com eles e depois disse:

— Não posso aqui ficar mais tempo. Tenho de ir procurar Maria Morevna, minha mulher e a mais bela de todas as rainhas!

— Não vai ser fácil encontrá-la — disse-lhe o falcão. — Mas deixa-nos a tua colher de prata: ao olharmos para ela, pensaremos em ti.

O príncipe Ivan deu ao falcão a sua colher de prata e pôs-se a caminho.

Caminhou durante um dia e mais outro dia e, ao entardecer do terceiro dia, viu diante de si um palácio ainda mais belo que o do falcão. Junto dele havia um carvalho, e num dos seus ramos estava uma águia. A águia levantou vôo, bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Vem cá, princesa Olga! — gritou. — O teu irmão está aqui!

A princesa Olga veio correndo de dentro do palácio. Beijou o príncipe Ivan, perguntou pela sua saúde e disse-lhe como vivia ali e o que fazia.

O príncipe Ivan passou três dias com eles e depois disse-lhes:

— Não posso ficar mais tempo aqui. Tenho de procurar Maria Morevna, minha mulher e a mais bela de todas as rainhas.

— Não vai ser fácil encontrá-la — respondeu a águia. — Mas deixa-nos o teu garfo de prata: ao olharmos para ele, pensaremos em ti.

O príncipe Ivan deixou-lhes o garfo de prata e pôs-se a caminho. Caminhou durante um dia e mais outro dia e, ao amanhecer do terceiro dia, viu diante de si um palácio que conseguia ultrapassar em beleza e esplendor os outros dois.

Junto do palácio havia um carvalho e num dos seus ramos estava um corvo. O corvo levantou vôo, bateu no chão e transformou-se num belo jovem.

— Vem depressa, princesa Anna! — gritou ele. — O teu irmão está aqui!

A princesa Anna veio correndo de dentro do palácio. Abraçou o príncipe Ivan, beijou-o, cheia de alegria, e contou-lhe como vivia ali e o que fazia.

O príncipe Ivan passou três dias com eles e depois disse-lhes:

— Adeus! Tenho de procurar Maria Morevna, minha mulher e a mais bela de todas as rainhas.

— Não vai ser fácil encontrá-la — disse o corvo. — Mas deixa-nos a tua caixa prateada de rapé: ao olharmos para ela, pensaremos em ti.

O príncipe deu ao corvo a sua caixa prateada de rapé e, despedindo-se dele e da princesa Anna, pôs-se a caminho. Passou um dia e mais outro dia e, ao chegar o terceiro dia, encontrou Maria Morevna.

Ao vê-lo, Maria Morevna lançou-lhe os braços ao pescoço, começou a chorar e disse:

— Ah, príncipe Ivan, por que não me deste ouvidos? Por que libertaste o Cafrei?

— Perdoa-me, Maria Morevna, e não me queiras mal — suplicou o príncipe Ivan. — Vem comigo, enquanto o Cafrei Imortal não se avista em parte alguma!

Os dois prepararam-se para a viagem e puseram-se a caminho. Enquanto isso o Cafrei estava fora, caçando e era já noite quando decidiu regressar ao seu castelo. Mas a uma dada altura, o cavalo em que seguia tropeçou.

— Por que tropeças, velho monte de ossos? — disse ele. — Será que pressentes alguma desgraça?

E o cavalo respondeu:

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou consigo Maria Morevna.

— Será que conseguiremos apanhá-lo?

— Se agora semeássemos trigo e esperássemos que ele amadurecesse; e o ceifássemos e o transformássemos em farinha; se cozêssemos três fornos cheios de pão e não partíssemos antes de o termos comido todo — mesmo assim ainda o apanharíamos.

Então o Cafrei Imortal lançou-se a galope no seu cavalo e apanhou o príncipe Ivan.

— Por esta vez te perdôo — disse ele — porque foste bom para mim e me deste água para beber. Talvez até te perdoe uma segunda vez. Mas se me provocares uma terceira vez, tem cuidado! Porque te farei em mil pedaços!

Foi-se embora o velho Imortal, levando Maria Morevna. O príncipe Ivan sentou-se numa pedra à beira do caminho e chorou durante muito tempo. Depois limpou as lágrimas e voltou a casa do Cafrei.

Tal como da outra vez, o Cafrei não estava.

— Vem comigo, Maria Morevna! — disse o príncipe Ivan.

— Ah, príncipe Ivan! O Cafrei vai apanhar-nos de novo!

— Deixa-o! Pelo menos passaremos uma ou duas horas juntos.

Prepararam-se então para a viagem e puseram-se a caminho. Lentamente, o Cafrei regressava a casa. De repente o seu cavalo tropeçou no caminho.

— Por que tropeças, velho monte de ossos? Será que pressentes alguma desgraça? — perguntou o velho Imortal.

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou Maria Morevna.

— Conseguiremos apanhá-lo?

— Se semeássemos cevada e esperássemos que amadurecesse; se a ceifássemos e com ela fizéssemos cerveja; se a bebêssemos até tombar de bêbados e só partíssemos depois de a bebedeira ter passado — mesmo assim ainda o apanharíamos.

Então o Cafrei lançou-se a galope no seu cavalo e apanhou o príncipe Ivan.

— Disse-te que nunca mais verias Maria Morevna, tão certo como não seres capaz de olhar de frente para as tuas orelhas — disse-lhe o Cafrei, arrancando Maria Morevna dos braços do príncipe Ivan e levando-a consigo.

O príncipe Ivan ficou sozinho e chorou durante muito tempo. Depois voltou de novo a procurar Maria Morevna. E mais uma vez o Cafrei Imortal não estava em casa.

— Vem comigo, Maria Morevna! — disse o príncipe.

— Ah, príncipe Ivan, ele vai apanhar-nos e há de fazer-te em mil pedaços!

— Deixa-o! Não posso viver sem ti.

Preparam-se então para a viagem e puseram-se a caminho. Entretanto o Cafrei aproximava-se de casa e a uma dada altura o cavalo voltou a tropeçar.

— Por que tropeças? Será que pressentes alguma desgraça?

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou consigo Maria Morevna.

Imediatamente o Cafrei galopou em perseguição do príncipe Ivan. Apanhou-o, cortou-o em pedaços, colocou-os todos num barril untado de alcitrão, rodeou-o de aros de ferro e atirou-o ao mar. E voltou a levar Maria Morevna para o seu castelo.

Precisamente nessa altura os objetos de prata que o príncipe Ivan deixara aos seus cunhados perderam todos o brilho e ficaram negros.

— O príncipe Ivan deve ter encontrado grande desgraça pela frente — murmuraram eles.

Então a águia voou por sobre o mar azul, agarrou no barril e levou-o até à margem. O falcão voou depois em busca da Água da Vida e o corvo em busca da Água da Morte — e ambos se encontraram no exato local onde a águia os esperava. Quebraram o barril, tiraram os pedaços em que o corpo do príncipe Ivan tinha sido partido, lavaram-nos e colocaram-nos uns aos lados dos outros. O corvo salpicou-os com a Água da Morte e eles tornaram-se a juntar. Depois o falcão salpicou-os com a Água da Vida e logo o príncipe Ivan estremeceu e se pôs em pé num salto.

— Que grande sonho dormi! — exclamou ele.

— E ainda mais dormirias se não fôssemos nós — disseram-lhe os cunhados. — E agora vem conosco.

— Não, meus irmãos, tenho de procurar Maria Morevna.

E de novo ele voltou ao castelo do Cafrei. E de novo aí a encontrou. Atirou-se a jovem ao pescoço do marido, chorando:

— Como é que voltaste à vida? Deus deve ter-te protegido!

O príncipe contou a Maria Morevna o que lhe tinha acontecido e pediu:

— Tenta saber do Cafrei onde foi que ele arranjou um cavalo assim tão bom.

Maria Morevna aguardou uma ocasião propícia e então perguntou ao Cafrei Imortal onde tinha ele encontrado o seu cavalo. E o Cadrei respondeu:

— Multiplicando esta terra por três e depois por nove, num reino distante deste três vezes e mais dez, vive a bruxa — Baba-Yaga. A sua casa fica bem no meio da floresta, para lá do Rio das Chamas. Ela tem magníficas éguas, entre as quais aquela em que ela própria voa todos os dias pelo mundo inteiro. Eu cuidei da manada dela durante três dias e, em paga, ela deu-me um potro.

— E como conseguiste atravessar o rio das Chamas?

— Com a ajuda do meu lenço mágico. Bastou-me acená-lo por três vezes, com a minha mão direita, para que uma enorme ponte se erguesse à minha frente, tão alta que nenhuma chama a conseguiu atingir.

Maria Morevna escutou com muita atenção e passou as informações ao príncipe Ivan. Conseguiu também pegar o lenço mágico do Cafrei e o entregou ao príncipe.

O príncipe Ivan atravessou o Rio das Chamas e dirigiu-se à casa da Baba-Yaga, a bruxa. Caminhou durante muito tempo sem ter nada para beber nem para comer. De repente aproximou-se dele uma estranha ave, acompanhada pela sua ninhada.

— Acho que vou comer um destes pássaros! — pensou Ivan.

— Por favor, príncipe Ivan, não toques na minha ninhada! — pediu a ave, em tom suplicante. — Quem sabe se ainda um dia não virás a precisar de mim?

O príncipe Ivan andou mais um pouco e encontrou uma colméia.

— Acho que vou comer um pouco deste mel — disse ele.

— Não toques no meu mel, príncipe Ivan — pediu a rainha das abelhas. — Quem sabe se ainda um dia não virás a precisar de mim?

O príncipe Ivan continuou o seu caminho até que viu um leão que parecia vir ao seu encontro com a sua cria.

— Acho que vou comer a cria — disse o príncipe Ivan. — Estou morrendo de fome!

— Por favor, príncipe Ivan, não toques na minha cria — pediu a leoa em tom suplicante. — Quem sabe se ainda um dia não virás a precisar de mim?

— Pronto, seja como tu queres.

E prosseguiu o seu caminho, cada vez com mais fome, até que chegou a casa da bruxa — Baba-Yaga. A casa era rodeada por doze estacas e todas, menos uma, tinham no alto uma cabeça humana.

— Bom dia, vovozinha!

— Bom dia, príncipe Ivan! O que queres tu por aqui?

— Venho servir-te, e espero que em paga do meu serviço me dês depois um dos teus magníficos corcéis.

— De acordo, príncipe Ivan. Vais servir-me não durante um ano mas durante três dias. Se conseguires manter as minha éguas em segurança, dou-te um belo cavalo como recompensa. Mas se não conseguires, a tua cabeça irá parar no alto da estaca que ainda está vazia — e a culpa será tua.

O príncipe Ivan concordou. Baba-Yaga deu-lhe de comer e de beber, e disse-lhe que comesse a trabalhar.

O príncipe Ivan levou as éguas para a pastagem mas logo elas, erguendo as caudas, galoparam pelo prado afora. E em menos de um ai, o príncipe perdeu-as de vista.

O príncipe chorou e lamentou a sua sorte, sentou-se numa pedra e adormeceu. Já o sol se tinha escondido lá por traz da floresta quando viu aproximar-se a ave a quem ele tinha poupado o filho.

— Acorda, príncipe Ivan! — disse ela. — As éguas já voltaram todas aos seus estábulos!

O príncipe Ivan regressou a casa e lá estava Baba-Yaga a ralar as suas éguas:

— Por que voltaram para casa? — perguntava-lhes.

— Que outra coisa podíamos fazer? Pássaros de todos os cantos do mundo apareceram a voar sobre as nossas cabeças e por pouco não nos arrancavam o olhos!

— Bom, então amanhã não corram pelo prado: amanhã escondam-se na floresta.

O príncipe Ivan dormiu toda a noite e acordou ao sentir que Baba-Yaga estava de pé a seu lado:

— Já é manhã e mais que tempo de lebares as éguas a pastar — disse ela. — E lembra-te: se perderes uma só égua que seja a tua cabeça irá parar ao cimo daquela estaca que ainda está vazia.

O príncipe Ivan levou as éguas a pastar mas logo elas, erguendo as caudas, correram e desapareceram na floresta. Ele chorou, lamentou a sua sorte, sentou-se numa pedra e adormeceu.

O sol já se tinha escondido quando a leoa chegou correndo junto dele e disse:

— Acorda, príncipe Ivan! — gritou ela. — As éguas voltaram já todas aos seus estábulos!

O príncipe Ivan regressou a casa e lá estava Baba-Yaga ralhando com suas éguas:

— Por que voltaram para casa? — perguntava-lhes.

— Que outra coisa podíamos fazer? As feras mais ferozes dos quatro cantos do mundo rodearam-nos e por pouco não nos fizeram em mil pedaços!

— Bom, então amanhã é melhor que se escondam no mar.

O príncipe Ivan dormiu a noite toda e de manhã Baba-Yaga mandou-o levar de novo as éguas à pastagem.

— Lembra-te: se perderes uma só que seja, a tua cabeça irá parar ao cimo da única estaca que ainda está vazia.

O príncipe Ivan levou as éguas à pastagem mas logo elas, erguendo as caudas, desapareceram da sua vista. Lançaram-se no mar azul e só as suas cabeças se avistavam.

O príncipe Ivan chorou, lamentou a sua sorte, sentou-se numa pedra e adormeceu.

O sol já se tinha escondido para lá da floresta quando a rainha das abelhas chegou junto dele para dizer:

— Acorda, príncipe Ivan! — gritando. — As éguas voltaram já todas aos seus estábulos. Mas atenção: quando regressares a casa não deixes que Baba-Yaga te veja. Vai imediatamente ao estábulo e esconde-te atrás da manjedoura. Lá encontrarás um potro a revolver-se no esterco. Tira-o de lá no meio da noite e monta nele.

O príncipe Ivan foi até à casa da Baba-Yaga. Esgueirou-se até o estábulo e deitou-se atrás da manjedoura. E lá estava Baba-Yaga, ralhando com as suas éguas:

— Por que é que voltaram para casa?

— Que outra coisa poderíamos fazer? Enxames de abelhas dos quatro cantos do mundo voaram sobre as nossas cabeças e picaram-nos a todas.

Baba-Yaga, muito zangada, foi para a cama e adormeceu.

Ao bater a meia-noite, o príncipe Ivan selou e aprontou o mais sarnento dos potros, saltou para cima dele e foi a caminho do Rio das Chamas. Ao chegar acenou três vezes o lenço mágico com a mão direita e logo diante de si, atravessando rio, ergueu-se uma ponde magnífica. O príncipe Ivan atravessou-a, acenou depois o lenço duas vezes com a mão esquerda, e logo a ponte se transformou noutra, mas esta muito pequena e estreita.

Quando amanheceu Baba-Yaga acordou e, vendo que o potro tinha desaparecido, lançou-se imediatamente em sua perseguição. Ela voava com a

velocidade do vento dentro do seu almofariz de ferro, usando o pilão como chicote e apagando o rasto atrás de si com a sua vassoura.

Vouu até o Rio das Chamas e, vendo a ponte, decidiu atravessá-la. Mas quando chegou ao meio a ponte quebrou-se e ela caiu no Rio de Chamas e morreu.

O príncipe Ivan levou o potro a pastar nos mais verdes prados, quando ele cresceu transformou-se num belo e forte corcel. Então ele selou-o e pôs-se a caminho do castelo do Cafrei Imortal.

Ao vê-lo, Maria Morevna saiu a correr de dentro do palácio e lançou-lhe os braços ao pescoço.

— E agora vem comigo! — disse o príncipe Ivan.

— Tenho medo, príncipe Ivan! Se o Cafrei nos apanha, vai de novo fazer-te em pedaços!

— Desta vez ele não nos apanha porque o meu cavalo é mais veloz do que o vento.

Montaram ambos no corcel e partiram.

O Cafrei tinha passado o dia fora, caçando, e regressava lentamente a casa. Foi então que o cavalo tropeçou.

— Por que tropeças, velho monte de ossos? — perguntou o velho. — Será que pressentes alguma desgraça?

— O príncipe Ivan esteve em tua casa e levou consigo Maria Morevna.

— Conseguiremos apanhá-los?

— Quem o poderá saber? O príncipe Ivan tem agora um cavalo tão ou mais rápido do que eu...

— Isso não irá deter-me! — gritou Cafrei. — Irei atrás deles!

Se passou muito tempo ou se passou pouco, isso ninguém sabe ao certo — sabe-se apenas que apanhou o príncipe Ivan e, saltando para o chão, tentou trespassá-lo com a sua espada. Mas antes que pudesse fazê-lo, o cavalo do príncipe Ivan deu-lhe um coice com tanta força que lhe esmagou a cabeça. E o príncipe Ivan logo ali acabou com ele, espancando-o com o seu cajado.

Depois disso o príncipe Ivan fez uma fogueira e nela queimou o corpo do Cafrei Imortal lançando ao vento as suas cinzas.

Maria Morevna montou então o cavalo do Cafrei, o príncipe Ivan montou o seu, e puseram-se a caminho. Foram primeiro visitar o corvo, o falcão e a águia, que os receberam com grande alegria.

— Ah, príncipe Ivan, já tínhamos perdido a esperança de voltar a ver-te! — disseram. — Mas por muito que tivesses sofrido, tudo valeu a pena. Porque, mesmo que tivesses percorrido o mundo inteiro, não terias encontrado noiva mais bela do que Maria Morevna!

O príncipe Ivan e Maria Morevna participaram em muitas festas dadas em sua honra e depois regressaram ao seu reino.

E aí viveram com muita saúde e prosperidade durante muito anos: nunca souberam o que era a fome, nunca souberam o que era a miséria, e nunca lhes faltou um copo de cerveja ou uma taça de hidromel....

